

Henrique Barroso

Universidade do Minho



<Pôr-se a + infinitivo> no Português Europeu

Resumo: <Pôr-se a + infinitivo> é uma construção que focaliza o ‘começo’ da situação denotada pelo predicado cujo núcleo é a forma verbal de infinitivo. Este valor (o “incentivo” ou “fase inicial”) não lhe é, porém, exclusivo. Bem pelo contrário: é partilhado por um leque considerável de outras construções (por exemplo, e só para referir algumas, *começar a*, *desatar a*, *romper a*, *meter-se a* + infinitivo). Isto quer dizer que constitui objetivo central deste artigo/capítulo indagar as idiosincrasias da construção sob escopo. Para isso, e recorrendo quase sempre a um *corpus* constituído por material linguístico autêntico, recolhido na imprensa escrita e em textos literários (finais do séc. xx e inícios do séc. xxi), convoco argumentos vários, de natureza estrutural (uns) e sintático-semântica (outros).

Palavras-chave: <Pôr-se a + infinitivo>, perífrase verbal, incentivo + ‘esforço/vontade/decisão’, incentivo + ‘de forma brusca/repentina’, Português Europeu.

<Pôr-se a + Infinitive> in European Portuguese

Abstract: <Pôr-se a + infinitive> is a construction that focuses on the ‘beginning’ of the situation denoted by the predicate whose core is the infinitive form of the verb. However, this value, “inceptive” or “initial phase”, is not exclusive to it. On the contrary: it is shared by a considerable range of other constructions (for example, and just to mention a few, *começar a*, *desatar a*, *romper a*, *meter-se a* + infinitive). This means that the purpose of this article/chapter is to investigate the idiosyncrasies of the construction under scope. For this, and using almost always a *corpus* of authentic language material collected in the press and literary texts (end of the 20th century and early 21st century), I will put forth several arguments, both structurally and syntactic-semantic nature.

Keywords: <Pôr-se a + infinitive>, verbal periphrasis; inceptive + ‘effort/desire/decision’, inceptive + ‘abruptly/suddenly’, European Portuguese.

Introdução

<Pôr-se a + infinitivo> é uma construção verbal que partilha, prototipicamente, o mesmo significado com vinte e duas outras, que passo a discriminar, e por nove grupos, uma vez que, para além do prototípico, cada conjunto exhibe um outro significado particular, específico (como se vai ficar já a saber, por exemplo, para a construção em análise): (i) <começar a + infinitivo> e <principiar a + infinitivo>; (ii) <desatar a + infinitivo>, <deitar a + infinitivo>, <largar a + infinitivo>, <romper a + infinitivo>, <deitar-se a + infinitivo>, <botar-se a + infinitivo> e <desandar a + infinitivo>; (iii) <entrar a + infinitivo> e <entrar + gerúndio>; (iv) <pegar a + infinitivo>; (v) <meter-se a + infinitivo>; (vi) <pôr-se a + infinitivo>, <ficar a + infinitivo>, <ficar + gerúndio> e <quedar-se a + infinitivo>; (vii) <recomeçar a + infinitivo>; (viii) <passar a + infinitivo>; (ix) <começar por + infinitivo>, <começar + gerúndio> e <principiar por + infinitivo>.¹

Deste conjunto, há algumas que estão muito documentadas (é o caso de <começar a + infinitivo>), outras consideravelmente (o de <pôr-se a + infinitivo>), outras pouco (o de <meter-se a + infinitivo>) e outras, ainda, muito pouco (como <romper a + infinitivo>).

Como é óbvio, não vou tratar de todas estas construções agora. Não é esse o propósito, nem sequer poderia, rigorosamente. Mas tão-só da que faz parte do título – e é suficiente, tanto metodológica quanto descritivamente. Ou seja: vou indagar do(s) seu(s) significado(s), da sua definição estrutural (isto é, da sua natureza mais ou menos perifrástica), das possíveis restrições de seleção (ou da sua descrição sintática) e, por fim (na conclusão), proceder a uma breve discussão em que se proporciona quer a análise e descrição empreendidas neste trabalho quer eventuais outras achegas, de caráter teórico e/ou descritivo.²

¹ Como orientação, eis as etiquetas que atribuí, há já alguns anos (carece, por isso, de uma revis(itaç)ão), em documento privado não publicado, a estes agrupamentos verbais: as duas do grupo (i) marcam o ‘início’ de uma situação simplesmente, isto é, sem quaisquer nuances; as sete do (ii), o ‘início repentino’; as duas do (iii), o ‘início mais ou menos repentino’; a única do (iv), o ‘início + intensidade’; a única do (v), o ‘início + hábito + afinco, determinação’; as quatro do (vi), o ‘início + duração/continuidade’; a única do (vii), ‘novo início, depois de pausa’; a única do (viii), o ‘início, resultante da transição de uma situação para outra’; e, por fim, as três do (ix), ‘início de uma situação colocada em primeiro lugar numa série’.

² Metodologia inspirada/sugerida em grande parte em/por García Fernández (2006).

1. Do(s) significado(s): prototípico e específico(s)

Na primeira abordagem que fiz desta matéria, mais precisamente, que me ocupei de perífrases verbais incetivas, e de modo concreto da construção em análise, escrevi o seguinte (Barroso 1994: 122):

“A *nuance* aspectual que parece distinguir **pôr-se + a + inf.** das demais construções de fase **inceptiva** é a de que este valor (assim o julgamos) se apresenta como que predeterminado por uma espécie de ‘motivação’ (ou, se se preferir, ‘predisposição’) subjacente. Ou, então, por sugestão do Prof. Herculano de Carvalho «no uso ‘normal’, não é ao início da ‘acção’ que se liga, mas à acção mesma a que se entrega o sujeito. Aliás, isso mesmo se passa muitas vezes com o protótipo das perífrases inceptivas, isto é, com **começar a + inf.** Por exemplo, em “Todas as vezes que lhe falam do falecido, começa a chorar”, não interessa que ela ‘comece...’ mas que ela se ‘entregue’ ao choro, isto é, **se ponha a chorar.**» Este valor é (talvez) próprio do estilo coloquial. O seu valor no sistema e na norma, no estilo reflectido, é **inceptivo**. Relativamente à sua funcionalidade na norma, temos a dizer que o seu paradigma se apresenta completo e perfeitamente gramaticalizado e, ainda, que, para além dos verbos ‘durativos’ (**andar, imaginar, trabalhar, esperar**, etc.), os verbos ‘momentâneos’ também podem coocorrer (**descobrir, chamar**, etc.). A sua não coocorrência com os verbos cópula (**ser e estar**) parece ser, pelo menos, numa análise mais superficial, a sua única restrição na norma.”

Esta visão, ainda que válida, está a carecer de atualização. Quanto mais não seja, olhar para a questão de uma outra perspectiva – uma atualização teórico-metodológica, portanto. Foi o que procurei fazer (sem esgotar, todavia, o tema) e trazer aqui, na firme expectativa de uma potencial reflexão conjunta.³

Porque <pôr-se a + infinitivo> focaliza o ‘começo’ da situação denotada pelo predicado cujo núcleo é a forma verbal do infinitivo, estamos diante de uma construção aspetual incetiva ou, dito de outro modo, de fase inicial. Este é, pois, o significado prototípico, partilhado com as demais outras. No entanto, como se pode observar nos enunciados (1), (2), (3), (4) e (5), por exemplo, com sujeitos animados e humanos (que destaco por meio do sublinhado), a constru-

³ Infelizmente, por constrangimentos da programação, esta reflexão conjunta (que me teria deveras agradado se se tivesse podido realizar logo após a apresentação oral, no Congresso) não chegou a ter lugar.

ção acrescenta o(s) significado(s) de “(um certo) esforço”, “vontade” ou “decisão” por parte da entidade a que o sujeito se refere. Ora, veja-se:

- (1) 1.1. «[...] A história de José Rosas e de João Nicolau de Almeida, que um dia quiseram mostrar ao mundo que, na natureza, tudo é possível – excepto quando os tecnocratas **se põem a fazer contas** com base na estreita lógica do deve e haver.»
- (2) 12.2. «Pasma como, no meio daquela barafunda, as pessoas se dão ao trabalho de aquecer comida, que trouxeram de casa, de distribuir pratos, facas, garfos, guardanapos e de **se porem a mastigar** com gana e a saborear com indisfarçada volúpia. Falem-me na espiritualidade do homem.»
- (3) 11.1. «De que me estás a falar, mulher, De que deveríamos **pôr-nos a fabricar** bonecos, [...]»
- (4) 8.3. «Não teria qualquer aceitação, seria mesmo absolutamente repressível que a máfia de um desses países **se pusesse a negociar** em directo com a administração de outro país.»
- (5) 12.4. «[...] era o que faltava, **porem-se a chorar** corações viris, seja a ordem resistir até ao último homem, [...]»

Por outras palavras: os predicados em questão, bem como os da maioria dos enunciados que constituem o *corpus*⁴ em análise, exigem como sujeitos expressões nominais com o papel temático de ‘agente’, isto é, expressões que designem

⁴ Que disponibilizo aqui, logo a seguir às Referências bibliográficas.

A propósito do *corpus* e respetiva organização, impõe-se este esclarecimento: os enunciados que aparecem no corpo do texto, numerados de (1) a (32), são na sua grande maioria imediatamente seguidos de uma outra indicação numérica constituída por um algarismo **em negrito**, o da esquerda, seguido de outro ‘em não negrito’, o da direita. O primeiro, que teoricamente vai de 1 a 24 (cf. Barroso 2007: 133–151), indica/significa o ‘tempo verbal’ (simples ou composto) em que a construção aparece; o da direita, o número de ocorrências desta construção em cada tempo verbal, com a finalidade de documentar, sempre que possível, incluindo a ‘pessoa-número’, sobretudo propriedades de natureza sintático-semântico-lexical, a informação que de facto é relevante para a descrição da construção.

Desta feita, e neste *corpus*, temos ocorrências da construção <pôr-se a + infinitivo> nos seguintes tempos verbais: **1.** ‘presente’ do ‘indicativo’, **2.** ‘pretérito’ ‘perfeito’ do ‘indicativo’, **4.** ‘pretérito’ ‘imperfecto’ do ‘indicativo’, **5.** ‘pretérito’ ‘mais-que-perfeito’ do ‘indicativo’, **6.** ‘condicional’ (ou ‘futuro’ do ‘pretérito’ do ‘indicativo’), **7.** ‘presente’ do ‘conjuntivo’, **8.** ‘pretérito’ ‘imperfecto’ do ‘conjuntivo’, **9.** ‘futuro’ do ‘conjuntivo’, **11.** ‘infinitivo’ ‘não pessoal’, **12.** ‘infinitivo’ ‘pessoal’, **13.** ‘gerúndio’, **17.** ‘pretérito’ ‘mais-que-perfeito’ composto do ‘indicativo’ e **20.** ‘pretérito’ ‘mais-que-perfeito’ composto do ‘conjuntivo’.

entidades que causam intencionalmente (portanto, controladoras) as situações descritas pelos enunciados (Duarte & Brito 2003: 187–189).

Lembremos tão-só (não é a ocasião e/ou o local para tratar de outras propriedades) que este(s) mesmo(s) significado(s) pode(m) ser expresso(s) por <meter-se a + infinitivo>, uma construção de comportamento gramatical muito semelhante, mas de uso bem mais reduzido.⁵

Por seu turno, com sujeitos animados não humanos, como em (6) e (7), inanimados, como em (8), e inexistentes, como em (9), o que se verifica é que o início da situação denotada pelo predicado cujo núcleo é a forma do infinitivo se produz “de forma repentina” ou “de modo brusco”. Atente-se, pois:

- (6) 2.4. «Uma vez os cães do porqueiro **puseram-se a ladrar**, adivinhavam, cheirava-lhes fora do costume, e vai o porqueiro diz ao Marcelino, Os cães a ladrar, anda aí alguém a querer assaltar as porcas.»
- (7) 5.1. «[...] Sentindo-a, o porco **pusera-se a grunhir** com mais força, lembrando a sua fome.»
- (8) 20.1. «Regressou ao corredor e enquanto se ia aproximando da sala de estar percebeu que a invisível presença se tornava mais densa a cada passo, como se a atmosfera **se tivesse posto a vibrar** pela reverberação de uma oculta incandescência, [...]»
- (9) «Olha, ø **pôs-se a chover!** Ainda agora estava a dar sol...»

De qualquer modo, chamemos só a atenção para isto (também não é o local para outras observações): este(s) significado(s) manifesta(m)-se de modo menos intenso ou menos marcadamente do que se verifica em construções do tipo das de <romper a + infinitivo>⁶ (cf., *supra*, grupo (ii)).

Em síntese, e para concluir esta secção: se se quiser confirmar o que acabo de asserir, basta fazer o seguinte teste: inserir um adverbial orientado para o ‘agente’ (*propositadamente, voluntariamente, intencionalmente*), para se verificar de imediato que os enunciados (1) a (5) resultam gramaticais e os (6) a (9), ao invés, agramaticais. E as razões são: naqueles, há um argumento agente, isto é, uma entidade controladora da situação denotada pelo predicado; nestes, não há, mais precisamente: em (6), (7) e (8), o argumento sujeito tem o papel temático de “fonte”, ou seja, uma entidade que está na origem de uma situação,

⁵ Construção em fase de descrição e cujo resultado submeterei à revista *Diacrítica/Ciências da Linguagem*, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM), para potencial publicação já no próximo número (30/2016).

⁶ Construção a estudar muito proximamente.

mas sem a controlar e, em (9), porque não há argumento sujeito, também não há papel temático.

2. Da definição estrutural: perífrase e verbo semiauxiliar

É um facto que a construção que se está a analisar é praticamente sempre tratada como perífrase verbal. Agora, ainda que não seja sob este escopo que pretendo prosseguir a análise, é de todo oportuno recordar os critérios habitualmente usados para, perante uma construção verbal, se poder aquilatar se se está na presença de uma perífrase ou de um grupo verbal, seja este uma expressão feita, seja uma combinação sintática de dois ou mais verbos pertencentes a orações diferentes.

Tais critérios são (quase) exclusivamente de natureza sintático-semântica. É nesta base, por exemplo, que operam, para o português, Gonçalves & Costa (2002). Com efeito, tendo em consideração estes nove critérios,

- a) impossibilidade de coocorrência com orações completivas finitas,
- b) impossibilidade de substituição do domínio encaixado por uma forma pronominal demonstrativa,
- c) impossibilidade de coocorrência de duas posições de Sujeito,
- d) passivas encaixadas sem alteração do significado básico da ativa correspondente,
- e) impossibilidade de ocorrência do operador de negação frásica no domínio não finito,
- f) ocorrência dos complementos pronominalizados (cliticizados) em adjacência ao verbo auxiliar,
- g) não seleção do Sujeito,
- h) coocorrência com qualquer classe aspetual de predicados verbais e
- i) impossibilidade de ocorrência de modificadores temporais que afetem apenas a interpretação do domínio não finito,
- j) concluem que <ter e haver + particípio passado> são os únicos verbos auxiliares do português ou, usando uma expressão sua (Gonçalves & Costa 2002: 97), “os auxiliares puros do Português”, porque cumprem todos os requisitos usados para a sua determinação, e que a auxiliaridade “é um fenómeno gradual, no sentido em que, entre os verbos tipicamente auxiliares e os não auxiliares (ou principais), existe um conjunto de verbos cujo comportamento oscila entre o dos primeiros e o dos segundos.” (Gonçalves & Costa 2002: 49). Os demais (de passiva, temporais, modais, aspetuais), tradicionalmente auxilia-

res, são considerados pelas autoras como ‘semiauxiliares’, exatamente por não cumprirem o pleno dos critérios cujo elenco acabei de apresentar.

Ora, tendo em consideração o que se acabou de expor, pode-se afirmar que o ‘caráter perifrástico’ de <pôr-se a + infinitivo> resulta, numa síntese (as restantes propriedades estão, obviamente, implícitas), destes testes:

Teste 1: O de a forma verbal não finita (o infinitivo) não poder ser substituído nem por um ‘pronome demonstrativo’ (cf. 11 com 10), nem por um ‘nome’ (cf. 12 com 10), nem por uma ‘oração finita’ (cf. 13 com 10).

(10) **2.9.** «E, tendo dito isto, pôs a Menina do Mar dentro do balde e **pôs-se a correr.**»

(11) *«E, tendo dito isto, pôs a Menina do Mar dentro do balde e **pôs-se a isso.**»

(12) *«E, tendo dito isto, pôs a Menina do Mar dentro do balde e **pôs-se a corrida.**»

(13) *«E, tendo dito isto, pôs a Menina do Mar dentro do balde e **pôs-se a que correu.**»

Teste 2: O de a forma verbal não finita da construção não poder ser focalizada na ‘estrutura enfática de relativo’ (cf. 15 com 14).

(14) **4.1.** «[...]. O rapazinho sentia-se tão feliz que às vezes **punha-se a dançar** em cima dos rochedos. De vez em quando encontrava uma poça boa e tomava outro banho.»

(15) *«[...]. O rapazinho sentia-se tão feliz que às vezes **a dançar** em cima dos rochedos **é ao que se punha**. De vez em quando encontrava uma poça boa e tomava outro banho.»

Teste 3: O de ser a ‘forma verbal não finita’ (ou infinitivo) a ‘selecionar o sujeito’, bem como ‘outros complementos’, caso os haja (cf. 17 com 16 e 19 com 18).

(16) **12.1.** «[...], evidentemente tinha sido apanhado na rede com os demais, não era altura de **pôr-se o caçador a averiguar**, Você é dos cegos modernos ou dos antigos, explique-nos lá de que maneira não vê.»

(17) *«[...], evidentemente tinha sido apanhado na rede com os demais, não era altura de **pôr-se o lobo a averiguar**, Você é dos cegos modernos ou dos antigos, explique-nos lá de que maneira não vê.»

(18) 7.2. «[...].

E isto é assustador.

E eu acho que é bom que assim seja.

Porque é bom que toda a gente ***se ponha a pensar*** no significado da humanidade.

E, ao mesmo tempo, é bom que toda a gente descubra como pode ser inquietante e fantástico o estranho mundo da biologia celular.»

(19) *«[...].

E isto é assustador.

E eu acho que é bom que assim seja.

Porque é bom que toda a gente ***se ponha a perceber*** no significado da humanidade.

E, ao mesmo tempo, é bom que toda a gente descubra como pode ser inquietante e fantástico o estranho mundo da biologia celular.»

Por ser um verbo pronominal, <*pôr-se a* + infinitivo> bloqueia não só a subida de clíticos como ainda a transformação passiva. Trata-se, por conseguinte, de provas/testes que não servem para determinar a natureza perifrástica da construção.

3. Descrição sintática ou das restrições de seleção

Nesta secção, mais nuclear, investigam-se as possíveis restrições de seleção que afetam a construção, quer as que dizem respeito ao verbo semiauxiliar (ser defetivo, nesta qualidade, em determinados tempos, aspetos, modos, etc.) quer particularmente as respeitantes ao auxiliado (aquele, o semiauxiliar, restringe muito frequentemente o tipo de verbos com que se pode combinar para construir perífrases, sobretudo por razões que se prendem com a classe aspetual⁷ deste último, o verbo principal). Para além disso, e sendo esse o caso, explicitam-se as peculiaridades que a construção possa apresentar em determinados contextos sintáticos, tais como a negação, a interrogação, a passiva, e eventuais outras.

Disse-se já, e viu-se pela explicitação de enunciados que discuti (cf., supra, secção 1.), que a perífrase de fase incetiva <*pôr-se a* + infinitivo> expressa a existência de um certo esforço, vontade ou decisão por parte da entidade a que

⁷ Sobre classes aspetuais de predicções (distintas tipologias), com que em parte se opera aqui, cf. Vendler (1967) e sobretudo Moens (1987), mas também Cunha (1998 e 2007), Oliveira (2003) e, ainda, De Miguel (1999).

o sujeito se refere na fase inicial da situação eventiva. Este acréscimo de significado acarreta uma importante restrição na interpretação do sujeito: a de só poder ser entendido como ‘agente’. No caso de ser paciente ou experienciador, não funciona, isto é, os enunciados resultam agramaticais. Veja-se, pois:

(20) «Depois dos 40, o João **começou a engordar** sem se aperceber.»

(21) *«Depois dos 40, o João **pôs-se a engordar** sem se aperceber.»

(22) «Depois dos 40, o João **pôs-se a engordar** para fazer uma experiência»

Porque *engordar* é um verbo de mudança de estado que a entidade a que o sujeito se refere padece ou experiencia, é compatível com <começar a + infinitivo> (cf. 20) mas não com <pôr-se a + infinitivo> (cf. 21). Porém, ao acrescentar-se a subordinada final “*para fazer uma experiência*”, passa a ser compatível, precisamente por se indicar que a entidade a que o sujeito se refere participa de forma ativa na mudança de estado, ou seja, é agente) (cf. 22).

No que concerne ao aspeto lexical, <pôr-se a + infinitivo> constrói-se com predicados dinâmicos, de preferência durativos, como se pode ver em (23) e (24), exemplos de atividades ou processos não delimitados, e (25), exemplo de processo culminado ou *accomplishment*.

(23) 1.3. «Foi novamente lá dentro. Voltou com o bikini vestido. Atirou-me o fato de banho: um mergulho rápido. Depois **pomo-nos a trabalhar**.»

(24) 2.8. «Com muito cuidado para não fazer barulho levantou-se e **pôs-se a espreitar** escondido entre duas pedras.»

(25) 2.10. «No dia marcado, mal ela entrou, a mãe de Santiago **pôs-se a mostrar-lhe a casa**.»

Apesar de no *corpus* não ocorrerem predicados de culminação (ou *achievements*), talvez por serem menos frequentes, podem-se disponibilizar os seguintes enunciados (cf. 26 e 27):

(26) «**Pusemo-nos a entender** a razão de tanta raiva.»

(27) «A Joana estava sempre a fugir das suas responsabilidades e, mais uma vez, mal a apanharam, **pôs-se logo a inventar** uma desculpa.»

Por fim, os predicados não dinâmicos ou de estado estão de todo excluídos, isto é, não se podem combinar com a construção em análise (cf., todavia, o que se escreve na secção 4.).

Ainda no que a esta secção diz respeito, verificamos que o semiauxiliar da construção perifrástica <*pôr-se a* + infinitivo> se conjuga em (i) tempos com o significado aspetual de aoristo, como o pretérito perfeito simples (cf. 28); (ii) em tempos com o significado aspetual de perfectivo resultativo, como o pretérito mais-que-perfeito (cf. 29); (iii) em tempos verbais com conteúdo aspetual de imperfectivo, como o presente e o pretérito imperfeito (cf. 30 e 31, de leitura habitual e/ou iterativa, coadjuvada, respetivamente, pelas expressões de frequência “às vezes” e “não era raro”), tanto do indicativo quanto do conjuntivo, sobretudo, mas ainda em vários outros tempos verbais, em particular os simples (cf. *corpus*, em anexo).

- (28) 2.3. «Mal viram aparecer o senhor abade em traje guerreiro assediaram-no com entusiásticas manifestações de apreço, e, fungando e rabejando com ar festivo, **puseram-se a lamber** viciosamente a coronha da espingarda.»
- (29) 17.2. «E se pensava na desafronta, era só porque os companheiros **se tinham posto a ceifar** como máquinas e os perdera de vista.»
- (30) 1.2. «Às vezes, lá em casa, **ponho-me a pensar**: o que é que sentirá uma galinha?»
- (31) 4.3. «[...], por isso não era raro cerrarem estes ouvintes mansamente as pálpebras, **punham-se a seguir** com os olhos da alma as peripécias do enredo, até que um lance mais enérgico os sacudia do torpor, [...].»

Por último, no *corpus* que me serviu de base para este estudo – com exceção de (3), que é interrogativo-exclamativo na forma afirmativa, ativa e neutra –, estão apenas documentados tipos proposicionais declarativos nas formas afirmativa, ativa e neutra, indubitavelmente as estruturas que melhor servem à expressão dos significados em questão.

4. Conclusão

A construção de fase inicial <*pôr-se a* + infinitivo> não pode coocorrer com predicacões que denotem estados (apenas com as eventivas). E isto acontece porque, ao significado básico de focalização do começo da situação denotada pela forma verbal do infinitivo, se acrescenta(m) aquela(s) outra(s) informação(ões) de que se falou já. Ou seja, por um lado, o carateres ‘brusco’ e ‘repentino’ são propriedades dinâmicas que não podem predicar-se do começo de situações homogéneas ou não dinâmicas, como é o caso dos estados. Por outro, os sig-

nificados de ‘esforço’, ‘vontade’ ou ‘decisão’ convertem o sujeito da construção em questão num controlador da situação denotada pelo predicado cujo núcleo é a forma verbal do infinitivo.

Os predicados de estado podem, contudo, ocorrer em construções incetivas, mas estas não podem acrescentar àquele significado os de esforço, vontade ou decisão por parte da entidade a que o sujeito se refere (cf. 32).

As crianças estavam irrequietas porque **começavam a ter fome**.

Referências bibliográficas

- BARROSO, H. (2007): *Para uma gramática do aspecto no verbo português*, Braga, Universidade do Minho [http://hdl.handle.net/1822/7987].
- BARROSO, H. (1994): *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/sincrónica*, Porto, Porto Editora.
- BOSQUE, I., DEMONTE, V. (eds.) (1999): *Gramática descriptiva de la lengua española* (3 vols.), Madrid, Editorial Espasa Calpe, S.A. [Real Academia Española – Colección Nebrija y Bello].
- CUNHA, L.F.A.S.L. da (1998): *As construções com progressivo no Português: uma abordagem semântica*, Porto, Universidade do Porto [Tese de Mestrado inédita].
- CUNHA, L.F.A.S.L. da (2007): *Semântica das predicções estativas. Para uma caracterização aspectual dos estados*, München, Lincom Europa.
- DE MIGUEL, E. (1999): “El aspecto léxico”, in: Bosque, I., Demonte, V. (eds.): *Gramática descriptiva de la lengua española*, Madrid, Editorial Espasa Calpe, S.A., vol. 2, pp. 2977–3060.
- DUARTE, I., BRITO, A.M. (2003): “Estrutura argumental e papéis temáticos”, “Tipos de situações e tipologia aspectual dos verbos” e “Natureza aspectual do verbo e respectiva estrutura argumental”, in: Mateus, M.H.M. et al.: *Gramática da língua portuguesa*, 5.^a ed., Lisboa, Editorial Caminho, SA, pp. 183–197.
- GARCÍA FERNÁNDEZ, L. (dir.) (2006): *Diccionario de perífrasis verbales*, Madrid, Editorial Gredos.
- GONÇALVES, A., COSTA, T. da (2002): *(Auxiliar a) Compreender os verbos auxiliares. Descrição e implicações para o ensino do Português como Língua Materna*, Lisboa, Edições Colibri e Associação de Professores de Português.
- MATEUS, M.H.M., BRITO, A.M., DUARTE, I., FARIA, I.H., FROTA, S., MATOS, G., OLIVEIRA, F., VIGÁRIO, M., VILLALVA, A. (2003): *Gramática da língua portuguesa*, 5.^a ed. Lisboa, Editorial Caminho, SA.
- MOENS, M. (1987): *Tense, Aspect and Temporal Reference*, Edinburg.
- OLIVEIRA, F. (2003): “Tempo e aspecto”, in: Mateus, M.H.M. et al., *Gramática da língua portuguesa*, 5.^a ed., Lisboa, Editorial Caminho, SA, pp. 127–178.
- VENDLER, Z. (1967): *Linguistics in Philosophy*, New York, Cornell University Press.

Anexo: *Corpus*

- 1.1. «[...]. A história de José Rosas e de João Nicolau de Almeida, que um dia quiseram mostrar ao mundo que, na natureza, tudo é possível – excepto quando os tecnocratas **se põem a fazer contas** com base na estreita lógica do deve e haver.»
[P, 1994/09/18]
- 1.2. «Às vezes, lá em casa, **ponho-me a pensar**: o que é que sentirá uma galinha?»
[A, p. 65]
- 1.3. «Foi novamente lá dentro. Voltou com o bikini vestido. Atirou-me o fato de banho: um mergulho rápido. Depois **pomo-nos a trabalhar**.»
[POP, p. 107]
- 1.4. «Senhor presidente, a minha boca está e estará fechada, E a minha também, e a minha também, mas há ocasiões em que **me ponho a imaginar** o que este mundo poderia ser se todos abrissemos as bocas e não as calássemos enquanto, Enquanto quê, senhor presidente, Nada, nada, deixe-me só.»
[EL, p. 195]
- 2.1. «– Pois sim, senhora.
Está bem: **pus-me a desenhar** figuras luminosas no escuro com um trocho aceso na ponta. Nisto, a Mãe entrando e um cão saindo
– Poh!, diabo. Ó António?»
[PG, p. 14]
- 2.2. «Sentindo o tom censório, **pus-me a choramingar**: que há anos vinha a sofrer em silêncio dúvidas terríveis, que no fundo era uma vítima, que a culpa não era minha.»
[VP, pp. 159–160]
- 2.3. «Mal viram aparecer o senhor abade em traje guerreiro assediaram-no com entusiásticas manifestações de apreço, e, fungando e rabejando com ar festivo, **puseram-se a lambar** viciosamente a coronha da espingarda.»
[Putos, p. 103]
- 2.4. «Uma vez os cães do porqueiro **puseram-se a ladrar**, adivinhavam, cheiravalhes fora do costume, e vai o porqueiro diz ao Marcelino, Os cães a ladrar, anda aí alguém a querer assaltar as porcas.»
[LC, p. 130]
- 2.5. «Os ministros olharam uns para os outros, o chefe do governo fez cara de desentendido e **pôs-se a mexer** nuns papéis.»
[EL, p. 63]
- 2.6. «De telefone móvel em punho **puseram-se a acordar** todas as pessoas influentes que em sua ideia pudessem ser arrancadas ao sono sem reagirem com excessiva irritação, [...]»
[EL, p. 150]
- 2.7. «E sentada na beira da cama, ao lado dos presentes, Joana **pôs-se a imaginar** o frio, a escuridão e a pobreza. **Pôs-se a imaginar** a Noite de Natal naquela casa que não era bem uma casa, mas um curral de animais.»
[NN, p. 24]

- 2.8. «Com muito cuidado para não fazer barulho levantou-se e **pôs-se a espreitar** escondido entre duas pedras.»
[MM, p. 11]
- 2.9. «E, tendo dito isto, pôs a Menina do Mar dentro do balde e **pôs-se a correr**.»
[MM, p. 35]
- 2.10. «No dia marcado, mal ela entrou, a mãe de Santiago **pôs-se a mostrar-lhe** a casa.»
[TF, p. 34]
- 2.11. «Assim que se desprende, Ermelinda voltou-se para a parede e, mãos fechadas sobre os olhos, **pôs-se a chorar**.»
[TF, p. 62]
- 2.12. «**Pôs-se a passear** na casa, a passos largos, de polegares nas axilas, a assobiar baixo. Não ouvia o ruído das máquinas e dos homens na eira.»
[G, p. 271]
- 4.1. «[...]. O rapazinho sentia-se tão feliz que às vezes **punha-se a dançar** em cima dos rochedos. De vez em quando encontrava uma poça boa e tomava outro banho.»
[MM, p. 10]
- 4.2. «Às vezes, no seu desespero, **punha-se a magicar** a forma de ir a Padornelos sem que Rosália soubesse, ou de sair dali, para algures, para qualquer parte, onde pudesse entrar, com a cumplicidade da noite e sem dar contas a ninguém, em terras de Portugal e ver a mulher e o filho...»
[TF, p. 153]
- 4.3. «[...], por isso não era raro cerrarem estes ouvintes mansamente as pálpebras, **punham-se a seguir** com os olhos da alma as peripécias do enredo, até que um lance mais enérgico os sacudia do torpor, [...]»
[EC, pp. 305–306]
- 5.1. «[...]. Sentindo-a, o porco **pusera-se a grunhir** com mais força, lembrando a sua fome.»
[TF, p. 37]
- 5.2. «Debruçara-se sobre o balcão e, com o rosto entre as mãos, **pusera-se a chorar**, convulsivamente.»
[TF, p. 173]
- 5.3. «Ferreirinha, com um ferver na garganta, pediu nova bica, a perna direita **pusera-se a oscilar** na banquetta.»
[RT, p. 43]
- 5.4. «Por conseguinte, o disfarce, indubitavelmente forçoso, teria de recorrer aos posições de todas as mascaradas antigas e modernas, não valendo contra esta irrespondível necessidade os temores que tinha experimentado no outro dia, quando **se pusera a imaginar** as catástrofes que poderiam suceder se, assim dissimulado, tivesse ido à empresa pedir informações sobre o actor Santa-Clara.»
[HD, pp. 164–165]
- 6.1. «[...]. **Pôr-se-iam a contar** as viagens feitas, os perigos passados, as maravilhosas baías, angras e enseadas em que descansaram, [...]»
[CPó, p. 88]

- 6.2. «O cartão de identidade que apresentou tem pois o nome de António Claro, a cara da fotografia aposta nele é a mesma que o recepcionista tem na sua frente e que detidamente **se poria a examinar** se houvesse razão para dar-se a esse trabalho.»
[HD, p. 302]
- 7.1. «P.M. – O que quero dizer digo. Agradeço que não **se ponha a extrapolar** afirmações por mim.»
[Ex, 1996/08/17]
- 7.2. «[...]»
E isto é assustador.
E eu acho que é bom que assim seja.
Porque é bom que toda a gente **se ponha a pensar** no significado da humanidade.
E, ao mesmo tempo, é bom que toda a gente descubra como pode ser inquietante e fantástico o estranho mundo da biologia celular.»
[CH, pp. 105–106]
- 7.3. «Há quem **se ponha a olhar** prò céu com muita atenção, a mão em pala e um braço estendido: Regardez!»
[Putos, p. 135]
- 8.1. «Além disso, se **se pusesse a dar à língua**, nunca mais deixariam em paz os seus haveres. Já um, mesmo sem ter confiança alguma, lhe pedira dinheiro emprestado.»
[TF, p. 41]
- 8.2. «A culpa foi minha, chorava ela, e era verdade, não se podia negar, mas também é certo, se isso lhe serve de consolação, que se antes de cada acto nosso **nos puséssemos a prever** todas as consequências dele, a pensar nelas a sério, primeiro as imediatas, depois as prováveis, depois as imagináveis, não chegaríamos sequer a mover-nos de onde o primeiro pensamento nos tivesse feito parar.»
[EC, p. 84]
- 8.3. «Não teria qualquer aceitação, seria mesmo absolutamente repreensível que a máphia de um desses países **se pusesse a negociar** em directo com a administração de outro país.»
[IM, p. 70]
- 9.1. «[...] e Faustina Mau-Tempo descalçou-se, que lhe não estavam os pés habituados ao aperto dos sapatos, e ficou em palmilhas de meias, mas aqui foi uma dor de alma, não teremos coração se com isto **nos pusermos a rir**, são humilhações que depois ficam a queimar a memória por todo o resto da vida, [...]»
[LC, p. 257]
- 9.2. «[...]». Por isso eles devem ter presente que quanto mais **se puserem a gritar** uns com os outros, como sucedeu por estes dias, menos serão ouvidos pelos eleitores.»
[Ex, 2005/01/22]
- 11.1. «De que me estás a falar, mulher, De que deveríamos **pôr-nos a fabricar** bonecos, [...]»
[C, p. 69]
- 12.1. «[...]», evidentemente tinha sido apanhado na rede com os demais, não era altura de **pôr-se** o caçador **a averiguar**, Você é dos cegos modernos ou dos antigos, explique-nos lá de que maneira não vê.»
[EC, p. 146]

- 12.2. «Pasma como, no meio daquela barafunda, as pessoas se dão ao trabalho de aquecer comida, que trouxeram de casa, de distribuir pratos, facas, garfos, guardanapos e de **se porem a mastigar** com gana e a saborear com indisfarçada volúpia. Falem-me na espiritualidade do homem.»
[SE, p. 91]
- 12.3. «O Fomecas, em coisas de cabeça, era o sábio da quadrilha. Sabia mais que todos os outros juntos – andara na escola e era capaz de ler umas letras. Bocado de jornal que o vento arrastasse, logo lhe galgava atrás para **se pôr a soletrá-lo**.»
[G, p. 139]
- 12.4. «[...] era o que faltava, **porem-se a chorar** corações viris, seja a ordem resistir até ao último homem, [...]»
[LC, p. 324]
- 13.1. «– Breve o ouvireis. Agora não há tempo a perder, que temos de ir libertar alguém que se encontra sequestrado! – respondeu, **pondo-se a caminhar** o mais lesto que podia.»
[CPó, p. 369]
- 17.1. «E se pensava na desafronta, era só porque os companheiros **se tinham posto a ceifar** como máquinas e os perdera de vista.»
[G, p. 228]
- 20.1. «Regressou ao corredor e enquanto se ia aproximando da sala de estar percebeu que a invisível presença se tornava mais densa a cada passo, como se a atmosfera **se tivesse posto a vibrar** pela reverberação de uma oculta incandescência, [...]»
[HD, pp. 23–24]

Fontes do corpus

Textos literários

Andresen, Sophia de Mello Breyner

(²⁶ 1995) *A menina do mar*. Porto, Livraria Figueirinhas [1958].

(1989) *A noite de Natal*. Porto, Livraria Figueirinhas [1960].

Campos, Fernando

(¹¹ 1999) *A Casa do Pó*. Lisboa, Difel [1986].

Castilho, Paulo

(1993) *Sinais Exteriores*. Lisboa, Contexto.

(2000) *Por Outras Palavras*. Lisboa, Contexto.

Castro, Ferreira de

(¹³ 1990) *Terra Fria*. Lisboa, Guimarães Editores, Lda. [1934].

Correia, Clara Pinto

(1999) *Clones Humanos – a nossa autobiografia colectiva*. Lisboa, Relógio d'Água Editores.

Cruz, Bento da

(1992) *Planalto de Gostofrio*. Lisboa, Editorial Notícias [1982].

Mónica, Maria Filomena

(1993) *Visitas ao Poder*. Lisboa, Quetzal Editores.

- Namora, Fernando
 (1993) *O Rio Triste*. Mem Martins, Publicações Europa-América, Lda. [1982].
- Redol, Alves
 (1989) *Gaibéus*. Lisboa, Editorial Caminho, SA [1939].
- Saramago, José
 (2005) *As Intermittências da Morte*. Lisboa, Editorial Caminho, SA.
 (2004) *Ensaio sobre a Lucidez*. Lisboa, Editorial Caminho, SA.
 (2002) *O Homem Duplicado*. Lisboa, Editorial Caminho, SA.
 (2000) *A Caverna*. Lisboa, Editorial Caminho, SA.
 (1998) *Levantado do Chão*. Lisboa, Editorial Caminho, SA [1980].
 (1995) *Ensaio sobre a Cegueira*. Lisboa, Editorial Caminho, SA.
- Tojal, Altino do
 (1989) *Os Putos* (edição comemorativa do 25.º aniversário: 1964–1989). Odi-
 velas, Europress [1964].

Imprensa escrita

Expresso (semanário), Lisboa

Público (diário), edição Porto

Siglas (das fontes do corpus)

- C *A Caverna*, José Saramago
 CH *Clones Humanos*, Clara Pinto Correia
 Cpó *A Casa do Pó*, Fernando Campos
 EC *Ensaio sobre a Cegueira*, José Saramago
 EL *Ensaio sobre a Lucidez*, José Saramago
 Ex *Expresso* (semanário), Lisboa
 G *Gaibéus*, Alves Redol
 HD *O Homem Duplicado*, José Saramago
 IM *As Intermittências da Morte*, José Saramago
 LC *Levantado do Chão*, José Saramago
 MM *A menina do mar*, Sophia de Mello Breyner Andresen
 NN *A noite de Natal*, Sophia de Mello Breyner Andresen
 P *Público* (diário), edição Porto
 PG *Planalto de Gostofrio*, Bento da Cruz
 POP *Por Outras Palavras*, Paulo Castilho
 Putos *Os Putos*, Altino do Tojal
 RT *O Rio Triste*, Fernando Namora
 SE *Sinais Exteriores*, Paulo Castilho
 TF *Terra Fria*, Ferreira de Castro
 VP *Visitas ao Poder*, Maria Filomena Mónica